

ARQUEOLOGIA

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO Arqueólogo

UMA HOMENAGEM... POLÍTICA!

Tive um amigo encarregado da agenda de um jornal televisivo que me contava, a propósito de manifestações: “Eles primeiro telefonam-me a perguntar se nesse dia e a essa hora eu posso fazer deslocar para lá uma equipa...”. Não basta fazer é preciso que se consiga dar nas vistas! Não se andarão longe da verdade se se disser que a homenagem de que ora se vai falar teve também essa intenção: dar nas vistas!

Nos Paços do Concelho Está a homenagem na placa, de mármore cinzento de Trigaches (Abel Viana dá-o como sendo de S. Brissos), que já na década de 40 do século passado, encimava a escadaria nobre dos Paços do Concelho de Beja, “em frente ao lanço central” (escreve Abel Viana).

Está partida em cinco fragmentos, que a completam. Mede 88 cm de altura e 64 de largura, não tendo sido possível, até ao momento, determinar-lhe a espessura.

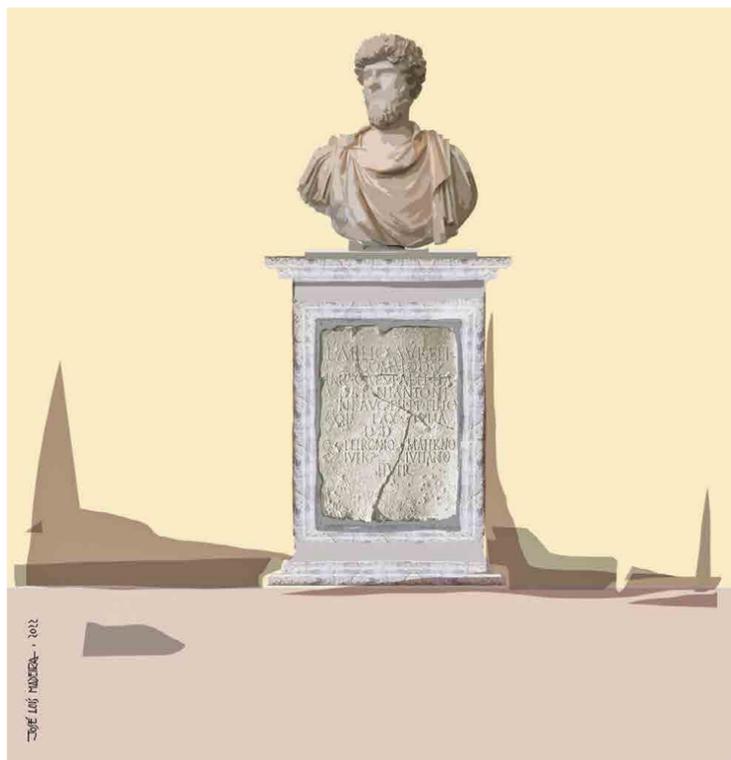
Quanto à sua proveniência, escreveu D. Frei Amador Arrais no seu livro, Diálogos, cuja 1ª edição data de 1589:

“Haverá 26 ou 27 anos que em Beja se achou um mármore com a inscrição que eu traladei e está mal impressa em livros castelhanos e é base dalguma estátua que os pacenses puseram ao imperador” (pág. 83 verso). Ao lado do texto da epígrafe, que transcreve, está, como era habitual nesses tempos, a informação complementar: “Em Beja, à Lobeira”.

Por seu turno, Rodrigo Dosma Delgado, cónego de Badajoz que escreveu Discursos Patrios de la Real Ciudad de Badajoz, obra publicada em 1601, informa na página 7 v.: “Eu a vi já passada na praça de Beja” e, após explicar que não se trata de uma ara, “cujo aspecto a tábu de mármore não tem”, comenta (pág. 12):

“Eu a vi na praça de Beja posta na parede do consistório trazida de Monjejar que está a cerca de uma légua, onde dizem que foi Beja a velha e notei bem a escritura ante muita gente”.

No catálogo das inscrições de Beja, editado em 1946, Abel



Viana faz-se eco das notícias que logrou obter a respeito dos sítios por onde a lápide passou – “uma das colunas que ornava a casa do

Terreiro da farinha” (em meados do século XVIII) e o açougue – antes de ser preservada nos antigos e nos actuais Paços do Concelho. Em 1782, D. Francisco Pérez Bayer, bibliotecário-mor da Biblioteca Real de Madrid, passou por Beja e do monumento fez um desenho em que apresenta o texto encimado por uma cabeça de touro (Fig. 1). Não se crê que alguma vez tal “encenação” tivesse acontecido, dado que ninguém fala dela e, por outro lado, o pormenor das duas folhas de pergaminho a desenrolar na parte de baixo do desenho constitui prova de mero arranjo gráfico que não corresponde à realidade. Monjejar é a atual Mombeja; Lobeira, a Herdade da Lobeira, na freguesia de Santiago Maior, não muito longe da cidade.

Os dizeres Chegados a este ponto, importa dar conta do que na pedra foi escrito, a fim de podermos responder à questão: para onde é que os romanos pensaram este monumento, cuja importância cedo se reconheceu, mas que sofreu, de facto, tratos de polé, uma vez que está tão partido, ainda que os pedaços jamais – ao que consta – se tenham perdido? Na atualidade, não oferece dúvidas de leitura nem de interpretação o que, em língua

latina (Fig. 2), ali foi escrito (em letras cujo tamanho anda pelos 5 cm) e que pode traduzir-se assim:

“A Lúcio Élio Aurélio Cómodo, filho do imperador César Tito Élio Adriano Antonino Augusto Pio, pai da Pátria, a Colónia de Pax Iulia, por decreto dos decuriões, sendo duúnviros Quinto Petrônio Materno e Gaio Júlio Juliano”.

O homenageado é o futuro imperador Lúcio Vero, que irá reinar de 161 a 169. Apresenta-se aqui como filho do imperador Antonino Pio, que, de facto, o adoptou, como seu pai, o imperador Adriano, solicitara. A epígrafe data do período entre o ano 139, em que Antonino foi declarado Pai da Pátria e 161, ano em que Lúcio Vero é investido do poder imperial, juntamente com seu irmão Marco Aurélio. Propõe-se mesmo que a lápide tenha sido gravada por altura da adopção e não seria despropositado pensar que os notáveis de Pax Iulia até houvessem mandado lavrar inscrições a cada um deles: Antonino, Lúcio Vero e Marco Aurélio.

Já se compreende que esta atitude, saída de uma colónia nos confins ocidentais do Império trazia “água no bico”, como hoje se diria. A intenção é, claramente, política: mostrar aos governantes de Roma que a colónia está com eles. Mesmo que só tivesse havido esta inscrição, ela é suficientemente elucidativa, pois o imperador reinante, Antonino Pio, vem identificado com todos os títulos. Homenageia-se-lhe o filho adoptivo, mas, indirectamente, homenageia-se o pai, que detém o poder: “quem meus filhos beija...”. Para os habitantes de Pax Iulia, envolvidos decerto em negócios de monta e necessitados para isso do apoio imperial, esta atitude é de veras sintomática, tanto mais porque mostra que as instituições coloniais aqui funcionavam a rigor: a homenagem foi decidida “por decreto dos decuriões” (o equivalente à nossa Assembleia Municipal, digamos assim) e concretizada pelos dois magistrados em

serviço nesse ano, os duúnviros Quinto Petrônio Materno e Gaio Júlio Juliano (equivalentes ao actual presidente da Câmara), representantes, sem dúvida, de duas das famílias mais influentes na cidade, a Petrónia e a Júlia.

Que monumento foi esse? Causam estranheza as bolandas por que a placa andou. A ideia de Mombeja ter sido “a Beja velha”, como o cónego de Badajoz, Rodrigo Dosma Delgado, anotou, não terá sido explorada; o achado do monumento na Lobeira é mais verosímil, sabendo nós que aí persistem relevantes vestígios romanos e que nos edifícios dos arredores da cidade se aproveitavam pedras idas do núcleo urbano antigo. Esta, porém, mau grado estar fragmentada, sempre terá merecido tratamento especial, para, mesmo assim, ter chegado até nós, salvaguardada em lugares públicos. Apesar de não se compreender lá muito bem o que significavam essas palavras, cedo se cuidou dela a preceito, não sendo de somenos o facto de terem sido “colados” os fragmentos. E “fragmentos” porquê? Por que razão a pedra está partida?

Vimos que se trata duma placa. Destinada, portanto, a ser embutida algures. Partiu-se, pois, ao arrancar. Os antigos falaram logo em pedestal de estátua. Será?

De facto, a importância do que nela está escrito e, até, a paginação do texto segundo um eixo de simetria e com algum espaço livre em baixo dão a entender que deveria ser lida à altura da vista e não numa parede lá em cima. Placa a ser embutida no pedestal da estátua imperial afigura-se, por conseguinte, o destino mais indicado. Assim a imaginou, portanto, o Dr. José Luís Madeira, tendo em cima o busto de Lúcio Vero (Fig. 3), busto que – naturalmente, como aconteceu com a maioria das estátuas romanas – foi reduzido a cal, por ser um imperador... “pagão”! A hipótese de ter sido colocado no fórum (a praça pública central de Pax Iulia) não suscita qualquer perplexidade!